

A CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO EM CURSOS DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE TURISMO

um relato de experiência

THE CURRICULARIZATION OF EXTENSION IN TECHNOLOGY COURSES IN TOURISM MANAGEMENT
an account of experience

Thaís de Oliveira¹
Bruna de Castro Mendes²

Poliana Ferreira dos Santos³
Ana Claudia Luciano da Silva⁴

RESUMO

A Curricularização da Extensão nos currículos das Instituições de Ensino Superior (IES) está sendo debatida e introduzida como uma forma de unir as atividades de extensão à formação dos estudantes, tornando-as inseparáveis do ensino e da pesquisa. No entanto, essa integração enfrenta desafios significativos, como a falta de uma cultura consolidada de extensão, a falta de compreensão conceitual sobre o assunto, a escassez de recursos e as dificuldades em estabelecer um diálogo eficaz com a comunidade externa. Este estudo analisa a experiência de incluir a Extensão no currículo do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo de uma instituição federal, com foco nos obstáculos enfrentados e nos resultados alcançados após um ano de implementação. O projeto, iniciado em agosto de 2023 e desenvolvido ao longo de 2024, buscou promover a valorização cultural de Campos do Jordão por meio do reconhecimento de seu patrimônio (tangível e intangível) sob a perspectiva dos habitantes locais. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando relatos de experiência como metodologia, considerando-os como uma forma válida de produção de conhecimento baseada nas vivências acadêmicas. Entre os principais desafios encontrados estão a dificuldade de coordenar com o calendário acadêmico, a necessidade de atividades extracurriculares, a importância do suporte contínuo dos professores e a resistência inicial dos docentes em entender a extensão universitária. Apesar das limitações, houve um aumento no envolvimento dos estudantes, especialmente na assimilação de novos conhecimentos, como a criação de aplicativos. Conclui-se que,

1 Instituto Federal de São Paulo- IFSP - Campos do Jordão, SP, Brasil. Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo - PROLAM/USP. E-mail: thaisdeoliveira@ifsp.edu.br.

2 Instituto Federal de São Paulo- IFSP - Campos do Jordão, SP, Brasil. Doutora e Mestra em Hospitalidade pela Universidade Anhembi- Morumbi (UAM). E-mail: brunamendes@ifsp.edu.br.

3 Instituto Federal de São Paulo- IFSP - Campos do Jordão, SP, Brasil. Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de São Paulo. E-mail: poliana.santos@ifsp.edu.br.

4 Instituto Federal de São Paulo- IFSP - Campos do Jordão, SP, Brasil. Graduada em Comunicação Social pelo Centro Universitário Teresa D'Ávila (UNIFATEA). E-mail: ana.claudia@ifsp.edu.br.

embora os resultados sejam encorajadores, a consolidação efetiva da extensão como parte integral da formação requer mudanças estruturais nas práticas educacionais e institucionais.

Palavras-chave: Extensão universitária; Curricularização da extensão; Gestão de turismo; Ensino superior; Relato de experiência.

ABSTRACT

The integration of Curricularization of Extension activities into higher education institution (HEI) curricula is being debated and implemented as a way to link these activities to student education, rendering them inseparable from teaching and research. However, significant challenges to this integration exist, including a lack of a well-established extension culture, a lack of conceptual understanding of the subject, scarce resources, and difficulty establishing effective dialogue with the external community. This study analyzes the experience of incorporating extension activities into the Tourism Management Technology curriculum at a federal institution, focusing on the obstacles encountered and the outcomes achieved after one year of implementation. Initiated in August 2023 and carried out throughout 2024, the project sought to promote cultural appreciation of Campos do Jordão by recognizing its tangible and intangible heritage from the perspective of local residents. The research employed a qualitative approach using experience narratives as a methodology and considering them a valid form of knowledge production based on academic experiences. The main challenges were coordinating with the academic calendar, providing extracurricular activities, ensuring continuous faculty support, and overcoming faculty members' initial resistance to understanding university extension programs. Despite these limitations, there was an increase in student engagement, particularly in the acquisition of new knowledge, such as the development of applications. In conclusion, while the results are encouraging, effectively consolidating extension as an integral part of education requires structural changes in educational and institutional practices.

Keywords: University extension program; Curricularization of extension; Tourism management; Higher education; Experience report.

INTRODUÇÃO

Com a intensa rede de informações disponíveis atualmente, é essencial contextualizar o conteúdo que está sendo ministrado para que o aluno possa compreender o porquê estudar determinado assunto, qual a relação dessa matéria com o seu cotidiano e em que situações o aluno utilizará o que está aprendendo (Pátaro, 2013). Para muitos, essa grande quantidade de informações caracterizaria

a sociedade da informação, termo que, segundo Werthein (2000), transformou-se jargão nos meios de comunicação, alcançando, de forma conceitualmente imprecisa, o universo popular. Para Assman (2000), esta expressão deve ser entendida como abreviação de um aspecto da sociedade: o da presença cada vez mais acentuada das novas tecnologias da informação e da comunicação. Serve

para chamar a atenção a este aspecto, mas não para caracterizar a sociedade em seus aspectos relacionais mais fundamentais.

Diante de tanta informação, a escola precisa ensinar e capacitar os alunos a selecionar, entender e usar corretamente as informações, pois é isso que possibilitará compreender as diferentes formas de ver e entender sobre o mesmo assunto (Braga; Gabassa; Melo, 2010). Pressupõe-se, assim, que o processo de aprender e ensinar deve ser mais flexível e ter o professor como mediador, já que, o espaço físico da escola deixa de ser o local exclusivo para a construção do conhecimento. É nesse contexto que se explora a Curricularização da Extensão.

Para Costa (2018), a extensão recebe uma posição mais enxuta, quando comparada ao ensino e à pesquisa, pois, como explicam Andrade, Morosini e Wiebusch (2018), sempre ocupou um espaço de invisibilidade. Para incentivar a adoção da extensão como uma forma de melhorar o processo de ensino-aprendizagem, o Ministério da Educação estabeleceu em 2018, pela Resolução nº 7, a extensão como componente curricular obrigatório, devendo totalizar 10% de toda a carga horária dos cursos superiores.

É neste contexto que o presente artigo apresenta o processo de curricularização da extensão aplicado ao curso de Tecnologia em Gestão de Turismo de uma instituição federal, destacando os desafios e as conquistas após dois anos de projeto. Como específicos considerou-se: apresentar os conceitos atrelados ao desenvolvimento da extensão; expor os aspectos apresentados como positivos ao se adotar a extensão como prática pedagógica; e refletir sobre os desafios enfrentados nestes primeiros anos de projeto.

Para que os objetivos fossem alcançados, optou-se pela metodologia definida como “relato de experiência”, compreendida por Musisi, Flores e Almeida (2021) como expressão escrita de vivências, possibilitando que a sociedade acesse e compreenda questões acerca de vários assuntos, como é o caso com a temática da Curricularização. Acredita-se que o aprendizado sobre como trabalhar com tal temática é contínuo, exigindo uma adaptação a uma nova estrutura, tanto por parte dos docentes quanto dos discentes. No momento, a estranheza permeia as novas relações, mas com o aprendizado, projeta-se uma ampliação da prática.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 EXTENSÃO E CURRÍCULO: DISCUSSÕES INICIAIS

Para Coutinho e Lisbôa (2011), o conhecimento é entendido como a capacidade que o aluno tem, diante da informação, de desenvolver uma competência reflexiva, relacionando os seus múltiplos aspectos em função de um determinado tempo e espaço, com a possibilidade de estabelecer conexões com outros conhecimentos e de utilizá-lo na sua vida cotidiana. Para garantir essa formação pautada na reflexão, no engajamento e alinhada à vivência social, é necessário extrapolar os limites da instituição de ensino, ampliando as ações para além do espaço escolar, permitindo a aproximação e a intervenção dos alunos nos problemas reais da sociedade. É nesse intuito de assegurar a formação integral dos estudantes e cumprir seu papel social, que a prática da extensão, indissociável da pesquisa e do ensino, aparece como um dos princípios das IES, conforme disposto no artigo 207 da Constituição Federal de 1988.

As IES devem ofertar uma formação baseada no tripé ensino-pesquisa-extensão, garantindo que essas dimensões estejam articuladas e integrem os currículos dos cursos. Compreende-se, então, que a extensão universitária representa a possibilidade da concretude de um espaço fecundo, crítico, político e social, mobilizador e provocador do acesso ao conhecimento científico (Andrade; Morosini; Wiebusch, 2018).

A extensão oferece a possibilidade de articulação com a comunidade, sendo que seus projetos devem ser desenvolvidos de forma engajada e próxima da comunidade, garantindo uma formação consonante com as demandas sociais. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu artigo 43, inciso VII, compete à Universidade promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão de suas conquistas e benefícios resultantes das produções culturais, científicas e tecnológicas (Costa, 2018).

Se a dimensão social da extensão permite a aproximação entre a IES e a população, além da sensibilização da comunidade acadêmica acerca das mazelas sociais e de seu papel no enfrentamento desses problemas, a ação extensionista não deve ser reduzida ao assistencialismo ou tornar a comunidade apenas um objeto das ações (FORPROEX, 2012). Avanços na legislação e a ampliação da discussão sobre extensão no âmbito político e acadêmico foi concorrendo para que a extensão se tornasse “o instrumento por excelência de inter-relação da Universidade com a sociedade, de oxigenação da própria Universidade, de democratização do conhecimento acadêmico, assim como de (re)produção desse conhecimento por meio da troca de saberes com as comunidades” (FORPROEX, 2012, p. 10).

Dessa forma, a extensão é definida como “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade”. Tal conceito evidencia o caráter dialógico que deve constituir as ações de extensão, oportunizando um espaço de disseminação daquilo que é produzido na academia, mas também de um movimento de troca, de escuta da comunidade e de construção conjunta do conhecimento (FORPROEX, 2012, p. 16),

A prática da extensão deve permitir o diálogo com os sujeitos da sociedade onde os projetos são desenvolvidos, constituindo-se como um espaço de relação dialética para que não se reduza a apenas estender o que é desenvolvido na universidade (Síveres, 2013). Nessa perspectiva, a extensão não deve visar que os alunos entreguem à sociedade um produto científico acabado, mas que também recebam o conhecimento popular, constituído por vivências, que a comunidade tem a oferecer, em um movimento de troca de saberes.

Deve-se ainda considerar, no contexto extensionista, o impacto na formação dos estudantes e a interdisciplinaridade (FORPROEX, 2012). Desse modo, as ações de extensão precisam evidenciar seu caráter formativo permitindo aos discentes atuarem como protagonistas e proporcionando o envolvimento de diferentes áreas de conhecimento que concorrerão para a formação integral dos alunos.

Apesar da extensão ser um princípio constitucional e figurar entre os objetivos das IES, ela ainda aparece como parte mais fraca do tripé, visto que as instituições carregam um histórico de hegemonia acadêmica com um diálogo limitado com a sociedade (Gonçalves, 2015). É possível identificar, então, uma cultura extensionista pouco consolidada no

contexto acadêmico, resultando em uma dificuldade na compreensão e na assimilação das ações de extensão pelas universidades (Paula, 2013). É com base nesse cenário que emerge a necessidade de estabelecer diretrizes mais concretas para nortear as ações de extensão, a fim de garantir que essa dimensão formativa realmente integre a formação dos discentes.

Embora já presente em documentos legais, como a Constituição Federal e a LDB, por exemplo, essa demanda aparece de forma mais incisiva como meta do Plano Nacional de Educação (PNE), previsto para o período de 2014 a 2024 (BRASIL, Lei 13.005/2014). A meta prevista no PNE é regulamentada pela Resolução no 7, publicada em 18 de dezembro de 2018, pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), que estabelece ainda as diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira (Sakano, 2022). Essa determinação legal provoca a comunidade acadêmica a repensar as práticas pedagógicas, incluindo a extensão nos currículos para uma formação mais engajada e comprometida socialmente, colaborando para um processo de aprendizagem mais crítico e reflexivo (Andrade; Morosini; Wiebusch, 2018).

A introdução das atividades de extensão como estratégia curricular confere um lugar de visibilidade e valorização a essa dimensão formativa. Contudo, a curricularização traz grandes desafios, visto que demanda a adequação dos currículos, a revisão dos projetos pedagógicos de cursos, além da sensibilização da comunidade acadêmica acerca da compreensão do que é a extensão, de como colocá-la em prática e de seu potencial formativo para os discentes (Flores; Mello, 2020). Para tanto, utiliza-se da experiência com um projeto de curricularização da extensão desenvolvido no curso de Tecnologia em Gestão de

Turismo do Campus Campos do Jordão do Instituto Federal de São Paulo (IFSP).

2.2 A CURRICULARIZAÇÃO NA PRÁTICA: EXPECTATIVAS E DESAFIOS

O impacto da extensão na formação dos estudantes e na sociedade ocorre a partir de uma troca entre os sujeitos acadêmicos com a diversidade de saberes e vivências da comunidade (Síveres, 2013). Ademais, as ações extensionistas fomentam a reflexão, revisão e recriação de novas propostas e práticas pedagógicas que viabilizam a criação de um projeto de universidade na perspectiva cidadã, que dialoga, integra, ensina, aprende, transforma e é também por ela transformada (Andrade; Morosini; Wiebusch, 2018).

No entanto, a extensão como parte dos currículos dos cursos superiores desafia a comunidade acadêmica, ao propor mudanças em suas disciplinas e práticas pedagógicas e adaptar as rotinas institucionais de acordo com as novas estruturas curriculares (Frutuoso; Juliani, 2020). Além disso, desafia os discentes para se inserirem na realidade social, dialogarem com a comunidade e construírem, de forma conjunta, propostas de intervenção.

O primeiro desafio é garantir que a extensão se integre efetivamente ao currículo dos cursos, aparecendo como estratégia pedagógica e metodológica. Apesar da legislação existente, não há clareza sobre como executar a curricularização na prática (Frutuoso; Juliani, 2020). É preciso conscientizar a comunidade de que a extensão não pode acontecer de qualquer forma, mas sim como uma atividade organizada pedagogicamente. Portanto, deve apresentar objetivos pedagógicos, metodologia e critérios de avaliação bem definidos, evidenciando sua contribuição para a formação discente.

O segundo desafio é viabilizar a articulação entre as três dimensões formativas (ensino, pesquisa e extensão), proporcionando uma diversidade de experiências na aprendizagem, além de possibilitar a integração entre universidade e sociedade (Síveres, 2013). Só assim o discente se tornará protagonista de sua formação e ressignificará os modos de aprender. Ainda, a articulação com a pesquisa permite, por meio da investigação com objetivos e metodologia definidos, aprimorar a análise dos problemas sociais, contribuindo para a ação e para produção acadêmica (FORPROEX, 2012).

Outra questão desafiadora é a constituição de uma relação efetivamente dialógica entre os discentes e servidores das IES e a comunidade. Os projetos precisam ser elaborados em parceria com os sujeitos da sociedade e de forma articulada com os arranjos produtivos locais, buscando conhecer e refletir sobre o contexto social. Essa dinâmica de ação e reflexão colabora para conscientizar sobre os problemas e propor ações que contribuam com o desenvolvimento social local (Síveres, 2013).

Os desafios levantados ficam mais evidentes quando consideramos a realidade das IES, onde a maioria dos professores têm pouca afinidade com as práticas de extensão; além das limitações orçamentárias, que dificultam a realização dos projetos. Soma-se a isso a falta de conhecimento de como inserir as práticas nos currículos e a ausência de uma cultura extensionista consolidada. Esse cenário torna a tarefa de implementação nos currículos complexa e cheia de percalços.

A curricularização da extensão demanda uma reformulação não apenas curricular, mas também no funcionamento das instituições a fim de garantir que a extensão cumpra efetiva-

mente seu papel na formação dos estudantes, na sociedade e na democratização do ensino. Este artigo vai ao encontro dessa necessidade ao compartilhar e refletir sobre as experiências vivenciadas com um projeto de extensão desenvolvido na esfera da Curricularização.

3. METODOLOGIA

Em contexto acadêmico, o relato de experiência descreve a experiência vivida, como a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo. Nesse sentido, este estudo caracteriza-se pelo seu relato, aceitando a experiência como o ponto de partida para a aprendizagem, e permitindo a apresentação crítica de práticas e/ou intervenções científicas e/ou profissionais (Mussi; Flores; Almeida, 2021).

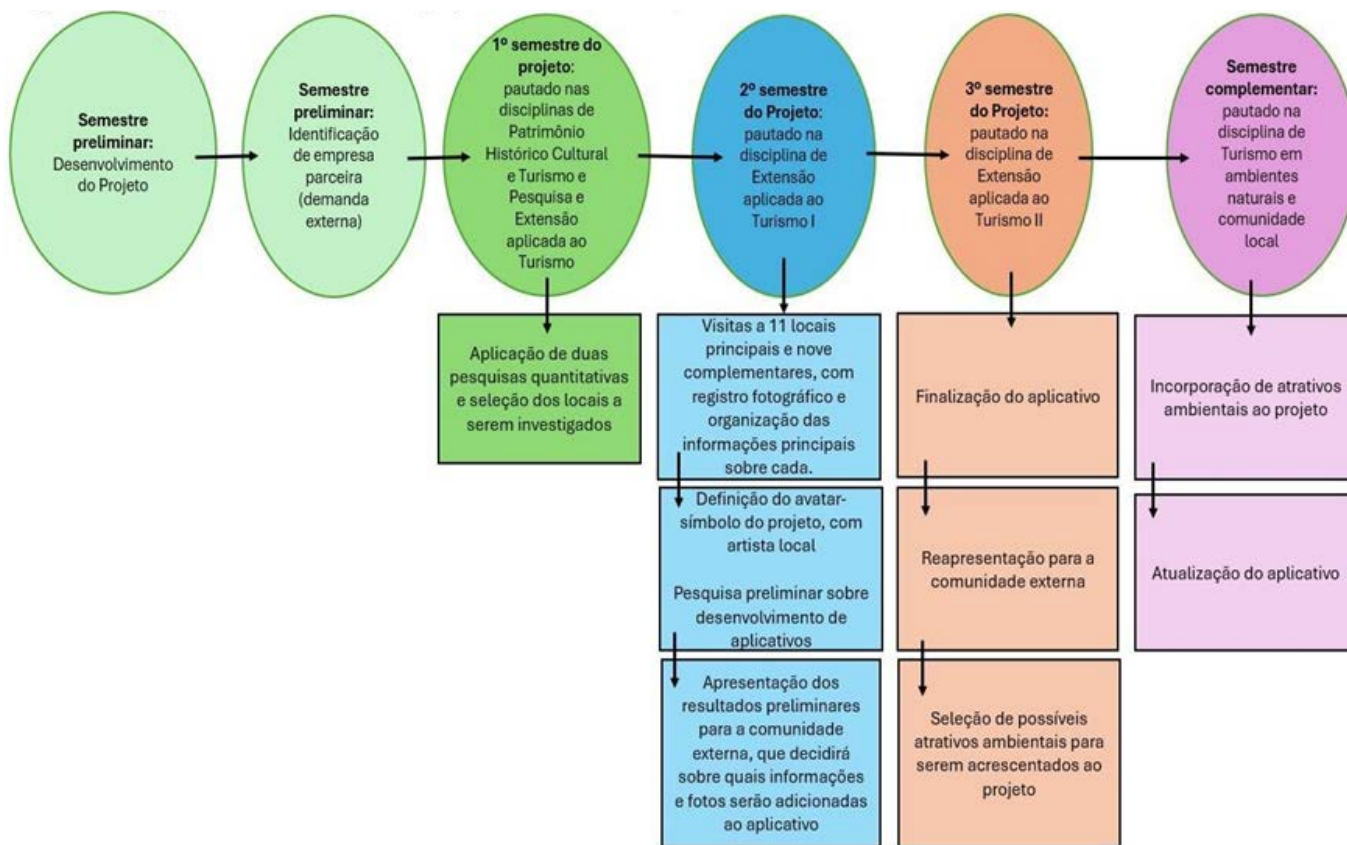
Durante 2023 e 2024 elaborou-se o projeto intitulado “Extensão aplicada ao Turismo – (re)conexão com a cidade pela perspectiva cultural”, com duas áreas temáticas: educação e cultura. Pensada para ser executada em 18 meses em articulação com as disciplinas do curso que preveem carga horária de extensão, iniciou-se, no primeiro semestre do projeto, com a abordagem dos conhecimentos básicos da Curricularização e a sua prática no campo cultural, por meio das disciplinas “Pesquisa e Extensão aplicada ao Turismo” e “Patrimônio Histórico-Cultural e Turismo”. No segundo semestre do projeto, as ações foram planejadas e executadas em parceria com a comunidade por meio da disciplina “Extensão Aplicada ao Turismo I”. E a finalização da execução, o processo de avaliação das ações e a divulgação dos resultados alcançados ocorreram na disciplina “Extensão Aplicada ao Turismo II”.

Preliminarmente, conhecimentos teóricos foram debatidos com foco na construção do ra-

ciocínio metodológico e para a apresentação da extensão como uma forma de contribuição social. Posteriormente, iniciou-se a parte prática, com foco na reflexão sobre as representatividades culturais e memórias populares.

Explorou-se, ainda, a situação de Campos do Jordão (SP), cidade que vivencia uma economia pautada em um turismo massificado. Para ilustrar o desenvolvimento metodológico do projeto, elaborou-se a Figura 1.

Figura 1. Sequência metodológica do projeto de Curricularização da Extensão



Fonte: elaborada pelas autoras (2024).

A proposta teve como objetivo desenvolver mecanismos de valorização cultural de Campos do Jordão por meio de seus patrimônios (edificados ou não) a partir do reconhecimento de seus moradores. Já como objetivo social, procurou valorizar o conhecimento e prático de moradores/residentes da cidade de Campos do Jordão, a partir da perspectiva cultural, resgatando fatos históricos desconhecidos e/ou esquecidos pela comunidade e representados pelos patrimônios, edificados ou não. Trilhou-se, assim, os caminhos para o resgate do sentimento de per-

tencimento da comunidade, envolvendo-a nas ações da cidade e do Turismo regional. Já o objetivo prático foi o de elaborar um aplicativo que valorizasse a história, cultura e patrimônios locais, tanto para o morador quanto para o visitante, valorizando o saber local e popular.

Para operacionalizar o projeto, realizou-se pesquisas qualitativas com a comunidade, visando identificar os patrimônios a serem valorizados e reinterpretados a partir de sua vivência. Para os alunos, a reconexão com a

cidade foi proporcionada por visitas técnicas realizadas nos patrimônios culturais da cidade, reconhecidos ou não pelo mercado turístico, mas representativos para a população local. A partir da identificação dos elementos culturais enfatizados pela comunidade, selecionou-se os espaços/situações mais representativos, relacionando-os com a formação histórica local; iniciou-se a organização informacional e fotográfica para a elaboração do aplicativo; estimulou-se o protagonismo estudantil por meio das ações realizadas e proporcionou-se a interação entre os alunos e a comunidade externa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observamos uma tendência crescente das exigências por produtividade acadêmica em termos de resultados de pesquisa, inovação e produção de patentes que regula o cotidiano de trabalho de docentes e discentes na universidade, relegando ao segundo plano a aproximação entre comunidade e universidade. Tal realidade faz com que as atividades extensionistas representem um sobretrabalho ou mero complemento às atividades de pesquisa e ensino. Os esforços despendidos para alterar esse cenário costumam esbarrar em problemas tanto no nível estrutural como no nível das microrrelações cotidianas (Costa, 2018).

Nos primeiros encontros com os alunos, procurou-se trabalhar com materiais que explicassem o significado de extensão, assim como o protagonismo que eles teriam na construção das disciplinas. Apesar de todo esse cuidado, nas duas primeiras disciplinas (realizadas no 2º semestre do curso), a Curricularização ocupava uma pequena parte dos conteúdos programáticos, ainda tornando os alunos mais observadores do que seres ativos na construção do conhecimento.

Durante estas disciplinas, debates ocorreram sobre os locais de memórias culturais para a comunidade jordanense, assim como a aplicação das pesquisas para compreender a visão dos moradores da cidade sobre tais locais de memória. A primeira pesquisa, com questões mais abertas, demonstrou o desconhecimento e a desconexão dos moradores com o espaço, o que espantou os discentes, já que eles esperavam respostas completas sobre os questionamentos acerca da cultura, da localidade e dos seus locais de memória. Uma segunda pesquisa teve que ser aplicada, agora direcionando os locais de memória. Nesta etapa, a dificuldade foi fazer com que os alunos entendessem o aspecto de pesquisa, o procedimento necessário para a aplicação, mas, principalmente, a tabulação das informações e a interpretação delas.

Com estas duas pesquisas, iniciou-se a disciplina do terceiro semestre, totalmente focada na extensão e na continuidade do projeto. Apesar de já ter um caminho traçado, os alunos tiveram dificuldades de entender a importância das ações fora da sala de aula, e que o engajamento deles era essencial para que o projeto e a disciplina continuassem. Também foi necessário um trabalho complementar para que eles entendessem que as visitas aos locais selecionados não eram passeios culturais, mas sim uma etapa essencial de busca de informação.

Garantir o engajamento dos discentes durante todo o semestre também foi um desafio, pois as visitas externas ocorreram por várias semanas seguidas, exigindo uma dedicação maior do que eles esperavam. Outro fator foi conciliar as ações previstas com o calendário acadêmico, assim como o início da temporada de turismo, um fator crucial em uma cidade marcada por uma intensa atividade turística. A tabela 1 apresenta a sintetização

dos principais aspectos envolvendo o projeto, tanto os considerados positivos quanto os considerados como essenciais para reflexão em projetos futuros.

Tabela 1. Sintetização dos aspectos relacionados ao projeto de Curricularização

Aspectos Positivos	Aspectos para Reflexão
Atividades fora da sala de aula, com reconhecimento do espaço da cidade	Dificuldade de conciliar o projeto coma o calendário acadêmico
Aplicação prática de pesquisa de campo	Necessidade de se realizar aulas extras, para a efetivação dos registros fotográficos, adiantando o calendário e exigindo dedicação maior dos envolvidos
Empenho nos registros fotográficos	Desconhecimento dos alunos sobre recursos como word e excel, demandando uma ação complementar em sala sobre tais recursos
Divisão das tarefas a serem realizadas entre eles, aproveitando-se das habilidades individuais	Dificuldade em se interpretar as pesquisas e definir ações a partir dos resultados
Empenho dos alunos em descobrir como elaborar o aplicativo	Estabelecimento de um padrão de apresentação das informações
Organização do evento para apresentação dos resultados parciais para a comunidade local	Monitoria constante do professor em relação às ações dos alunos, tanto para sistematização das informações, continuidade dos trabalhos e foco nas ações
Preocupação em envolver a comunidade local nos processos decisórios	O horário do curso (noturno) faz com que diversas ações tenham que ser realizadas em contraturno
Ampliação do olhar para além de teoria, colocando em prática a articulação ente ensino, pesquisa e extensão	Limite de 18 meses de projeto
Compreensão dos cuidados necessários para se desenvolver projetos com a comunidade externa (abordagem, termos de autorização etc.)	Pouca parceria entre todos os professores envolvidos, decorrente da falta de compreensão do que é a extensão

Fonte: elaborada pelas autoras (2024).

Inicialmente, construiu-se uma parceria com o curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Porém, por terem estruturado a Curricularização da extensão de um modo diferente do curso de Gestão de Turismo, um descompasso entre as ações ocorreu, sendo que um replanejamento foi necessário, incorporando as tarefas ao grupo de atividades que os estudantes de turismo iriam desenvolver. E o resultado surpreendeu! Mesmo sem o conhecimento técnico na área, os alunos resolveram enfrentar o desafio e assumiram

a construção do aplicativo e a elaboração de um avatar-símbolo para o projeto.

Para o aplicativo, os discentes investigaram opções de recursos disponíveis na internet; os que tinham maior familiaridade com o assunto, estudaram as opções e separaram as mais viáveis. Em relação ao avatar-símbolo, todos pesquisaram aspectos que pudessem representar a cidade de Campos do Jordão para além do Turismo. Diversas opções foram sugeridas e o eleito foi o papagaio-de-peito-

-roxo (amazona vinacea). Ameaçado de extinção, a ave ganhou um projeto de conservação realizado no Horto Florestal da cidade, que espalhou diversos ninhos artificiais para aumentar as oportunidades de reprodução

da espécie (SEMEIA, 2023). Para a construção do avatar, fotografias foram analisadas e uma artista local foi convidada para desenhá-lo, garantindo uma aproximação maior da comunidade com o projeto.

Tabela 2. Avatar Símbolo do Projeto



Fonte: Acervo das autoras. Avatar criado pela artista local Tamyres Prado Bertancelo

Com as fotos selecionadas e as informações elaboradas, foi realizada a apresentação do produto do projeto de extensão, o “DesbravaCampos” a representantes da comunidade externa e interna, no dia 14 de maio de 2024. Os participantes convidados ajudaram na seleção das fotos que iriam para o aplicativo, bem como pontuaram sobre os atrativos, informações e nomenclaturas, contribuindo para a melhoria do projeto, a partir da pré-seleção dos registros feita pelos alunos.

Importante explicar que cada discente assinou um termo de autorização de uso das imagens registradas. Além dos 11 atrativos visitados, foram também registrados outros complementares (nove) que estão localizados próximos aos principais, a diferença é que estes contém apenas as fotos, sem informações, decisão tomada em função do

tempo disponível para a realização do projeto como também do calendário acadêmico institucional.

Para a etapa final do projeto, no segundo semestre de 2024, foi realizada uma nova apresentação dialogada com a comunidade externa, já com o site montado, para que eles pudessem avaliar a usabilidade. A princípio, o objetivo era a montagem de um aplicativo. No entanto, pela dificuldade de licenciamento, pagamento para hospedagem do aplicativo, optou-se, no momento, pela criação do site, que está disponível em: <https://desbravacampos.ifspcj.o.edu.br/menu.html>. O encontro ocorreu no dia 27 de novembro de 2024. As observações foram anotadas e as mudanças realizadas. Cabe destacar que por ser um projeto de extensão, o site passará sempre por atualizações.

Tabela 2. Apresentação do DesbravaCampos



Fonte: acervo das autoras.

O projeto ainda apresenta um complemento, com alguns atrativos ambientais da cidade e representativos para a comunidade. Essa ação foi necessária, pois o curso possui 5 semestres de duração. Como a Curricularização inicia-se no segundo semestre e o limite estabelecido por projeto é de 18 meses de duração, o último semestre, que também conta com uma disciplina cuja carga horária é destinada à extensão (parcial), um complicador se apresentou no processo de elaboração. A solução projetada foi desenvolver um projeto de 24 meses, mas os últimos seis meses corresponderiam a um complemento, englobando a perspectiva ambiental.

No geral, os resultados foram satisfatórios. Percebe-se o comprometimento dos alunos com o projeto, como também o interesse deles em apresentar um resultado completo para a comunidade externa. Na perspectiva do professor, a demanda de trabalho foi maior do que o esperado, especialmente com relação às visitas externas, que tiveram que ocorrer em contraturno, exigindo uma carga de trabalho superior ao previsto no início do ano letivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além do desafio pedagógico, por ter que incorporar os preceitos norteadores da extensão, como o estabelecimento de uma relação entre discentes, servidores e comunidade (Síveres, 2013), enfrentou-se o desafio de apresentar a extensão como uma forma de aproximação com a comunidade. No relato, o problema norteador foi o isolamento da comunidade em relação aos atrativos culturais (considerados aqui, como pontos de memória), resultado de uma dependência econômica do turismo, atividade massificada na cidade de Campos do Jordão.

O projeto foi construído, procurando-se dar o protagonismo aos estudantes, algo que eles consideram desafiador e estranho quando comparados ao processo tradicional e expositivo. Essa liberdade de ação não foi sinônimo, contudo, de ausência de compromisso e cumprimento de prazos e ações previstas em calendário construído em grupo. E isso foi um aspecto que teve que ser lembrado aos discentes, até o momento em que eles incorporaram que o site desenvolvido seria fruto do trabalho

e empenho deles. Foi a partir desta percepção que a relação com a disciplina mudou.

Contudo, os discentes trouxeram dificuldades, principalmente no campo da informática. Também se teve que trabalhar o processo de interpretação de dados de pesquisa, além de adequar as ações previstas com o horário do curso. As aulas ocorrem no período noturno, mas as visitas externas não poderiam ocorrer neste horário por causa dos registros fotográficos. É importante destacar que esse também foi um período de sobrecarga para o docente envolvido, que acompanhou todas as visitas, orientando os alunos no processo de registro e busca de informações.

Acredita-se que, em um novo projeto, outros

desafios surgirão. Diante do que foi apresentado, apesar da sobrecarga de trabalho e da adequação das ações pedagógicas, percebe-se um engajamento e uma dedicação maior dos alunos a este trabalho do que normalmente se evidencia nas demais disciplinas. Claro que, nas primeiras entregas, os alunos seguiram o padrão tradicional, mas com o decorrer das ações e das correções, incorporaram o projeto como sendo deles e isso fez com que as atitudes fossem alteradas.

Espera-se, assim, que os desafios já enfrentados e os que ainda estão por vir nesse caminho do fazer extensionista articulado com o currículo dos cursos suscitem a constante reflexão visando uma prática cada vez mais engajada da extensão.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rubya Mara Munhóz de; MOROSINI, Marília C.; WIEBUSCH, Eloisa Maria. (2018). Desafios contemporâneos da extensão universitária: da invisibilidade a curricularização. **XI Seminário Internacional de Educação Superior**. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/xisies/files/2018/11/ET-4-ANDRADE-Rubya-Mara-Munh%C3%B3z.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2024.

ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ci Inf.**, Brasília, v.29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/ShzKdLbqJDPfssvSw9xWPw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2024.

BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa; MELLO, Roseli R de. Educação e sociedade: perspectivas, desafios e mudanças. In: BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa; MELLO, Roseli R de. **Aprendizagem dialógica: ações e reflexões de uma prática educativa de êxito para todos (as)**. São Carlos: Edufscar, 2010, p.37-56.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível

em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 15 maio 2026.

BRASIL. **Lei no 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 15 mar. 2024.

COSTA, José Fernando Andrade. Articulação entre pesquisa, ensino e extensão: um desafio que permanece. **Revista Ciência em Extensão**, v.14, n.2, p.9-19, 2018. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1970/1966. Acesso em 15 mar. 2024.

COUTINHO, Clara; LISBÔA, Eliana. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para a educação no século XXI. **Revista da educação**, vol. XVIII, n. 1, 2011, p. 5-22. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14854/1/Revista_Educa%c3%a7%c3%a3o%2cVolXVIII%2cn%2c%ba1_5-22.pdf. Acesso em: 12 mar. 2024.

DESBRAVACAMPOS. Disponível em: <https://>

desbravacampos.ifspcj.o.edu.br/menu.html. Acesso em: 28 nov. 2024.

FLORES, Laiane Frescura; MELLO, Débora Teixeira de. O impacto da extensão na formação discente, a experiência como prática formativa: um estudo no contexto de um Instituto Federal no Rio Grande do Sul. **Revista Conexão UEPG**, v. 16, e2014465, p. 01-13, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/14465/209209212996>. Acesso em: 12 mar. 2024.

FORPROEX. **Carta de Manaus**. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Manaus, 2012. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2024.

FRUTUOSO, Tomé de Pádua; JULIANI, Douglas Paulesky. **Caminhos para curricularização da extensão**: Ações no Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC. Curitiba: CRV, 2020.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. **Revista Perspectiva. Florianópolis**, v. 33, n. 3, p. 1229 - 1256, set./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2015v33n3p1229/pdfa>. Acesso em: 5 abr. 2024.

MUSSI, Ricardo Fraklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, out./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/9010/6134>. Acesso em: 5 abr. 2024.

PAULA, João Antônio de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. Interfaces - **Revista de Extensão**, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930/15904>. Acesso em: 4 abr. 2024.

PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; PÁTARO, Ricardo Fernandes (orgs.). **Escola**: espaço de análise e pesquisa, cotidiano escolar e práticas de ensino. São Carlos: Edufscar, 2013. Disponível em: <http://livresaber.sead.ufscar.br:8080/jspui/handle/123456789/2747>. Acesso em: 4 abr. 2024.

SAKANO, Luciana Harumi dos Santos. **As ações de Extensão dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia**: uma leitura dos discursos e das práticas. 2022. Dissertação (Mestrado em Análise de Políticas Públicas) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100138/tde-08062022-102018/pt-br.php>. Acesso em: 4 abr. 2024.

SEMEIA. **Conheça o parque estadual de Campos do Jordão**. 5 jun. 2023. Disponível em: <https://semeia.org.br/conexao-semeia/parques-do-mes/parque-estadual-de-campos-do-jordao/>. Acesso em: 3 abr. 2024.

SÍVERES, Luiz. (org.). **A Extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ci Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/rmmLFLlYsjPrkNrbkrK7VF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 abr. 2024.

Recebido em: 17/08/25

Revisado em: 19/03/26

Aprovado em: 19/05/26